

ARAUTO

Jornal da Escola Secundária Manuel de Arriaga - janeiro de 2025 - edição gratuita



CRONICANDO

CRONICANDO

EDITORIAL

CRONICANDO, verbo intransitivo que significa “escrever crónicas” (assim o diz o *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora) foi o tema proposto à comunidade escolar para a edição do primeiro semestre do nosso jornal.

Assim, alunos e professores foram desafiados, em vários contextos, a colaborarem neste *Arauto* com a produção de artigos de opinião sobre temas da atualidade e/ou do seu quotidiano.

Entre o jornalismo e a literatura, a Crónica (palavra que tem a sua origem no grego “*chronos*”, que significa “tempo”) permite opinar, refletir, viajar do mais banal acontecimento à mais profunda reflexão, da mais única e pessoal experiência à mais universal das temáticas, sempre com a marca do tempo presente e da subjetividade que determina o autor.

Entre a experiência pessoal e a visão universal de temas atuais, viajamos à conversa com o “aventureiro” Norberto Serpa, que desafia os nossos alunos a lutarem pelos seus sonhos e... a lerem: “E leiam. Leiam Fernando Pessoa”, diz-nos ele.

E porque a Escola é um espaço de renovação permanente, sempre com alguém a chegar e alguém a sair, impõe-se preservar e cultivar memórias, dos antigos alunos, dos professores que cá estiveram e dos nossos funcionários. Neste contexto, para além das habituais seções que mantemos, uma palavra muito sentida e muito especial impõe-se deixarmos para alguém que, em vida e enquanto professor na nossa escola, sempre teve uma especial afeição pelo *Arauto*: o colega e docente Paulo Ruas. “A vida eterna”, que nos deixa em texto que publicamos nesta edição, fica também para sempre em toda aquela que foi a sua profícua colaboração no nosso jornal.

Obrigado, Paulo!

Queremos um *Arauto* que seja a expressão da Escola que temos e da Escola que somos.

Queremos um jornal em que professores e, principalmente, alunos participem e tenham expressão.

É este o *Arauto* que aqui temos e que aqui vos deixamos. Boa leitura!

A equipa coordenadora.

AFINAL O QUE É FEITO DO NOSSO EX-ALUNO



Bilhete de Identidade:

Nome: Francisco Colaço
Idade: 18 anos
Curso: Engenharia e
Gestão Industrial

Onde está agora o nosso ex-aluno Francisco Colaço?

Estou em Lisboa, a estudar no Instituto Superior Técnico.

Uma pequena apresentação do local/cidade onde estás...

Estou a estudar na capital, Lisboa, uma cidade repleta de história, arquitetura, cor...

Estou sempre rodeado de diferentes pessoas, de diferentes realidades e culturas, o que para mim é muito gratificante.

Que curso estás a tirar? Foi esse o curso sempre ambicionado e sonhado?

Estou atualmente a frequentar o curso de Engenharia e Gestão Industrial no Instituto Superior Técnico, embora não fosse a área que inicialmente pensava escolher. Durante o ensino secundário, a minha principal ideia era seguir Ciência Política e Relações Internacionais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. No entanto, no final do 11.º ano, mudei de ideias e passei a focar-me neste curso, que acabou por se tornar a minha primeira opção na candidatura ao ensino superior.

Como foi passar do sonho à concretização?

Foi inacreditável, uma sensação de alívio indescritível.

E como é a vida do dia a dia?

Cansativa, mas muito feliz. Estou rodeado de amigos e pessoas que tornam a carga académica mais leve.

De que forma é que a ESMA te marcou como aluno?

A ESMA teve um impacto marcante na minha vida, tornando-me uma pessoa mais pró-ativa e com um espírito mais democrático. Graças aos diversos projetos dinamizados pela escola, desenvolvi competências que me tornaram mais ativo e envolvido, nomeadamente no âmbito do associativismo jovem. Atualmente, procuro estar envolvido em vários projetos na faculdade. Entre esses, destaco o facto de ser membro da Direção da Associação de Estudantes da minha Faculdade, algo que acredito não teria sido possível sem a influência da ESMA.

Uma experiência inesquecível da ESMA?

Uma experiência verdadeiramente inesquecível que tive na ESMA foi a oportunidade de participar em projetos como o Parlamento dos Jovens e o Euroscola, além de integrar clubes como o Clube Europeu, que dinamizou e continua a dinamizar atividades lúdico-culturais que enriquecem o plano cultural da nossa escola. Também tive o privilégio de reativar o núcleo de estudantes da Amnistia Internacional na ESMA, onde pude partilhar casos e promover a defesa dos Direitos Humanos junto dos alunos. Esta foi, sem dúvida, outra experiência marcante que vivi na ESMA.

E uma negativa?

Fico feliz por ter demorado algum tempo a responder a esta pergunta, pois isso significa que foram poucos os momentos que marcaram negativamente a minha passagem pela ESMA. No entanto, se tiver de escolher um momento menos positivo, diria que foi a transição para o secundário, quando me separei dos meus amigos de infância.

Aquilo que mais gostava na ESMA era....

Oportunidade que a ESMA dá aos alunos para dinamizarem atividades por si promovidas. Atividades de cultura, direitos humanos, voluntariado...

Aquilo que decididamente detestava na ESMA era...

A falta de envolvimento dos estudantes nas atividades promovidas pela escola.

Uma mensagem aos alunos da ESMA de hoje...

Se, como eu, ansiavas pelo momento de deixar a ilha, pois esta começava a parecer demasiado pequena e limitada para as tuas ambições, relaxa, esse momento chegará mais cedo ou mais tarde. Aproveita ao máximo estes últimos momentos na tua escola e com os amigos que lá fizeste. Desfruta da ilha o melhor que puderes, pois, no ritmo acelerado da faculdade, sentirás falta da serenidade que só a ilha te pode oferecer.

Para o conhecer melhor...

Qual a tua Música preferida?

Neste momento deve ser *Morning Elvis* de Florence + The Machine e Ethel Cain.

Qual é o filme da tua vida?

O filme da minha vida é *Close* de Lukas Dhont.

Um programa de TV que tentas não perder?

Ultimamente quando tenho tempo tento não perder *Abbot Elementary*.

Desporto que praticas ou praticaste?

Pratiquei natação de competição durante todo o meu percurso na ESMA.

Hobby preferido?

Recentemente tenho revitalizado um *hobby* que adorava em criança que é desenhar.

O livro que mais gostaste de ler?

Apenas miúdos de Patti Smith.

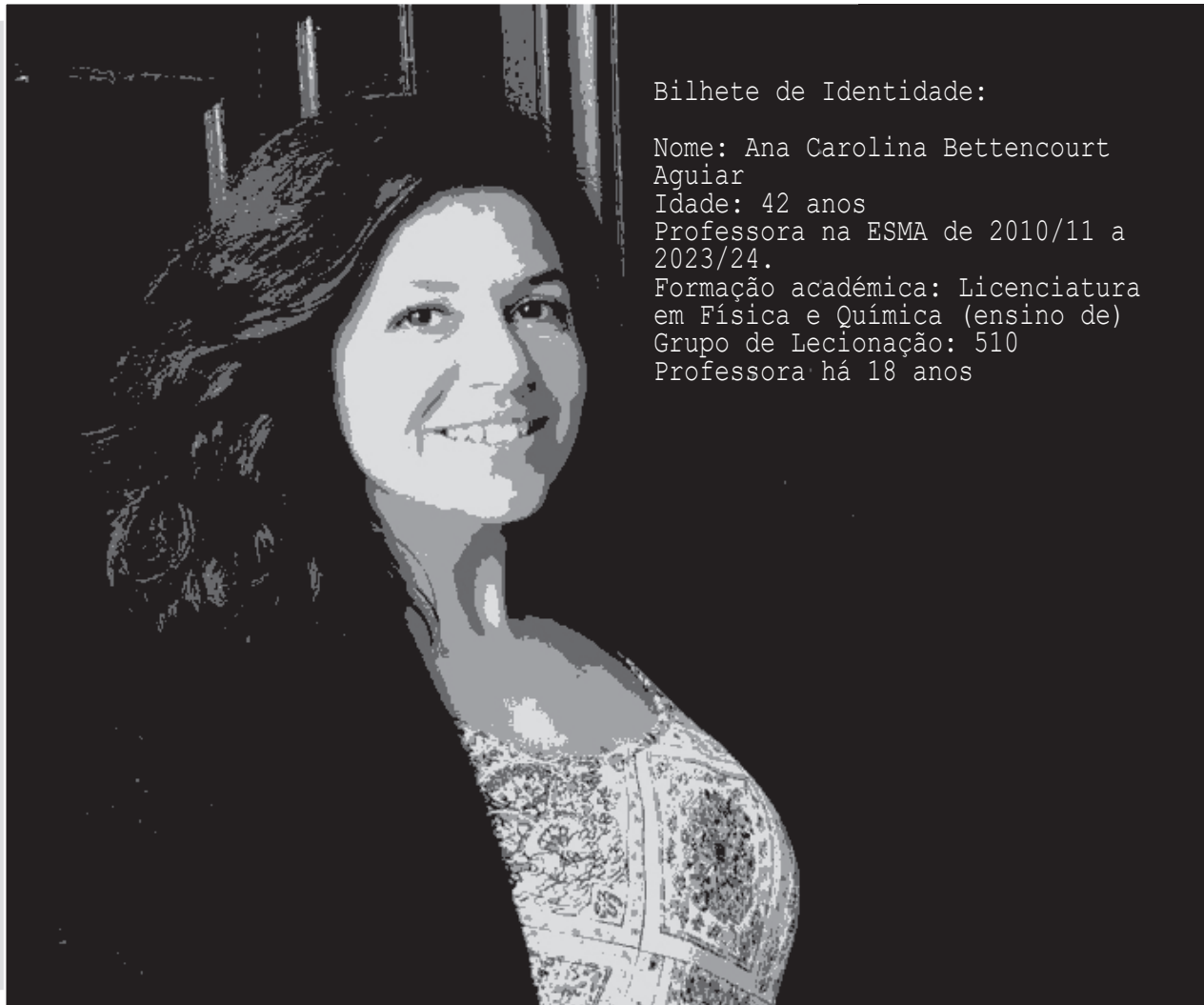
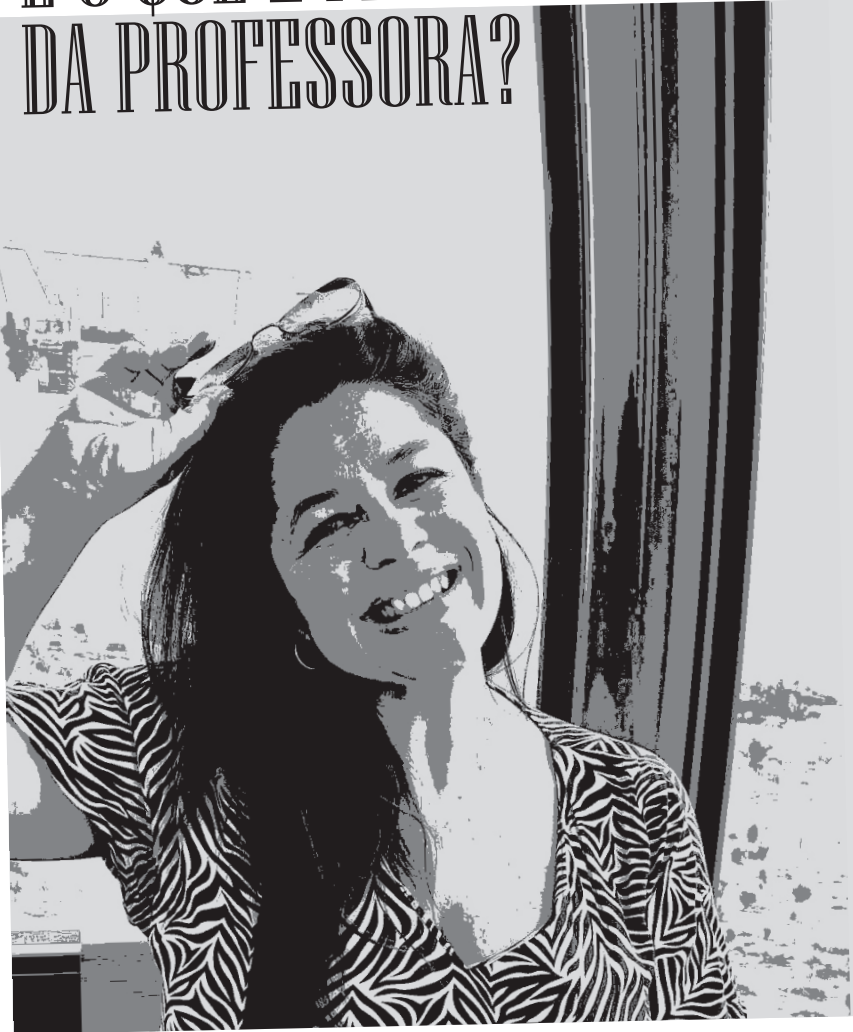
O livro que está na tua mesa de cabeceira?

Uma Pequena Vida de Hanya Yanagihara.

Qual a rede social que mais usas?

Provavelmente o *Instagram*.

E O QUE É FEITO DA PROFESSORA?



Bilhete de Identidade:

Nome: Ana Carolina Bettencourt Aguiar
Idade: 42 anos
Professora na ESMA de 2010/11 a 2023/24.
Formação académica: Licenciatura em Física e Química (ensino de)
Grupo de Lecionação: 510
Professora há 18 anos

Onde está agora a professora Ana Carolina?

Na ilha Terceira.

Uma pequena apresentação da escola onde está...

Escola Básica Integrada dos Biscoitos.

Tem alunos desde o pré-escolar até ao nono ano.

Fica no lado norte da ilha num contexto social mais rural.

Tem um ambiente muito acolhedor e com poucos alunos.

Sou a única professora a lecionar Físico-Química a duas turmas do sétimo, duas do oitavo e uma do nono ano.

E da cidade...

Apesar da escola pertencer ao Município da Praia da Vitória eu vivo na linda cidade, património mundial da UNESCO, de Angra do Heroísmo. Faço uma viagem de cerca de 20 minutos para lá chegar. O caminho pelo interior da ilha é lindo e muito agradável pela manhã, exceto nos dias de nevoeiro.

Foi professora na ESMA durante quanto tempo?

14 anos.

Que razões a levaram a sair da ESMA?

Por razões pessoais, voltei à minha terra natal.

À distância e com a experiência que tem de outras escolas, como avalia comparativamente com elas a ESMA?

A ESMA é uma escola com alguma dimensão e com infraestruturas muito boas. É uma escola recente, com excelentes condições para a lecionação das Ciências, com laboratórios bem equipados e com espaços exteriores ótimos para a prática de desporto. É uma escola que proporciona bastante conforto aos seus alunos. Para além disso, tem uma grande oferta de atividades extracurriculares e opções que não existem em outras escolas.

De que forma é que a ESMA a marcou como docente?

A ESMA marcou-me por ter proporcionado desafios que me tornaram mais confiante enquanto professora. Comecei a dar aulas ao ensino secundário e coordenei várias equipas superando os meus receios e inseguranças. Orgulho-me em dizer que de certa forma ajudei esta enorme família, que é a ESMA, a impulsionar o futuro da sociedade Faialense.

Uma experiência inesquecível na ESMA?

Uma viagem de finalistas, com a professora Isabel Afonso e com a professora Alfredina, em que o itinerário foi pela região do Porto e Coimbra, em que visitámos locais de interesse científico, bem como universidades, com uma turma do secundário.

E uma negativa?

O falecimento de colegas e amigos professores nesta escola.

Aquilo que mais gostava na ESMA....

Do trabalho em equipa que consegui desenvolver com alguns colegas, e as amizades que deixei com pessoal docente e não docente.

Aquilo que decididamente detestava na ESMA era...

Dar aulas no laboratório de química.

Um episódio da vida docente que mereça ser partilhado...

Felizmente tenho vários semelhantes, de alunos que seriam considerados underdogs, por não terem muito apoio familiar ou por terem poucos recursos financeiros, estarem hoje na universidade e alguns até já terem terminado o seu curso, graças a um apoio contínuo que é prestado por um conjunto de professores e outros serviços da ESMA como o SPO.

Uma mensagem à ESMA de hoje...

Com estudo, dedicação e esforço, podem conquistar o que quiserem. Tenham um plano e cumpram-no.

Para a conhecer melhor...

Qual o conteúdo do Programa que mais gosta de ensinar?

Tabela Periódica.

Qual a sua Música preferida?

More than words dos Extreme.

Qual é o filme da sua vida?

A Vida é Bela.

Um programa de TV que tenta não perder?

Não tenho visto televisão.

Desporto que pratica ou praticou?

Patinagem artística.

Hobby preferido?

Dança.

O livro que mais gostou de ler?

Meridiano 28 de Joel Neto.

O livro que está na sua mesa de cabeceira?

Memorial do Convento (comprei-o em Lanzarote na casa de José Saramago).

Para a conhecer...

Bilhete de Identidade:
Nome: Osvalda Maria da Silveira Dutra Duarte
Idade: 55 anos
Categoria profissional: Assistente Técnica
Habilitações literárias: 12º ano Técnico Profissional de Secretariado
Trabalha na ESMA há 28 anos



Quando começou a trabalhar na nossa Escola?

Comecei a trabalhar em setembro de 1992.

Que funções já desempenhou desde que começou a trabalhar?

Professora provisória no grupo de Educação Visual e Tecnológica, no ano letivo 1992/1993 e assistente técnica na área de alunos a partir de outubro de 1996.

O que gosta mais na sua profissão?

O contato com os alunos e ajudá-los a resolver as suas dúvidas e os seus medos.

E o que gosta menos?

A parte burocrática, na qual temos de nos reger pela legislação em vigor.

Acha diferenças entre os alunos do tempo que começou a trabalhar e os atuais? Quais?

Sim, acho algumas diferenças. Os alunos de antigamente eram mais humildes, procuravam-nos mais, não só para os serviços da secretaria, mas porque queriam simplesmente conversar, desabafar e as suas brincadeiras eram sem maldade. Agora acho que agem de maneira diferente, não por culpa de ninguém, mas sim pelo próprio sistema. Antigamente a secretaria da escola consistia a única fonte de conhecimento e esclarecia os alunos, hoje os alunos já chegam à secretaria com opiniões e conceitos formados, pois muitas vezes questionam-nos sobre diferentes assuntos e só para nos por à prova.

Se pudesse voltar atrás no tempo voltaria a escolher a mesma profissão? Porquê?

Sim, voltaria a escolher, porque gosto do que faço. É muito bom quando somos abordados pelos ex-alunos e nos dizem que fomos muito importantes na sua vida escolar.

Qual o acontecimento da vida da escola que mais a marcou até hoje?

A mudança da antiga escola para a atual. Houve aspetos positivos e negativos. Mas foi muito difícil para mim a adaptação, pois por um lado pudemos conviver com todos os colegas das diferentes áreas, que considero um aspeto positivo. Por outro lado, deixámos de poder atender os alunos com alguma privacidade e também é mais difícil de nos concentrarmos, quando o trabalho o exige, o que considero um aspeto negativo. Apesar, e depois de alguns anos, as áreas terem sido divididas novamente, ou seja, numa sala ficou a contabilidade e tesouraria e noutra sala área de alunos e área de pessoal.

Um episódio da vida escolar que mereça ser partilhado...

Tenho muitos episódios, mas um marcou-me particularmente. Na época da inscrição para os exames nacionais, recebi um senhor já de idade que me confidenciou que o seu grande sonho era ter ingressado na universidade. Tinha-se reformado e gostaria de ter uma licenciatura em Economia ou Gestão. Falámos muito, ajudei-o a obter os livros para se preparar, dei-lhe todo o apoio que podia. Um dia, e vendo que havia um certo desânimo, e na brincadeira disse-lhe: "O senhor vai conseguir passar no exame e vai conseguir ficar colocado na Universidade dos Açores como quer, e depois vai trazer algo para nós brindarmos!", Ele respondeu " - Combinado!".

Ele conseguiu passar no exame e ficar colocado. Um dia recebo um telefonema; "A menina gosta de carne de vaca? O prometido é devido!". O Senhor trouxe duas costeletas enormes!

Nunca mais soube dele e tenho muita pena pois pergunto-me muitas vezes se conseguiu realizar o seu sonho.

Para a conhecer melhor...

Qual a sua Música preferida?

Não tenho uma música preferida em especial, mas gosto muito de todas dos Abba, da Beyoncé e dos 4 e meia.

Qual é o filme da sua vida?

A vida é bela

Um programa de TV que tenta não perder?

The Voice

Desporto que pratica ou praticou?

Futebol.

Hobby preferido?

Ler.

O livro que mais gostou de ler?

O rapaz do pijama às riscas.



CRONICANDO

Os psicólogos na escola

Um psicólogo no espaço escolar é bastante importante para os alunos não terem problemas.

Ter uma pessoa com quem podemos contar e que nos ajuda com os nossos problemas é ótimo, pois um aluno stressado fica com problemas que poderão afetar a sua vida escolar e a dos outros alunos. Ir a um psicólogo poderá ajudá-lo a lidar com o stress e arranjar formas de cuidar melhor de si.

Por outro lado, a falta de psicólogos suficientes nas escolas pode ser igualmente um problema. Se a escola tiver só uma psicóloga, como acontece na ESMA, sendo a única psicóloga, não conseguirá ter tempo para todos os alunos ou dar a mesma atenção a todos, aumentando o stress de quem precisa de ajuda.

Concluindo, os psicólogos devem estar na escola, mas em maior número, pois as escolas necessitam mais do que um.

Aurora Martins do 8º A

A importância da amizade

A amizade é algo muito importante, pois é com os amigos que se passa a maior parte do tempo e, às vezes, pode-se confiar mais nos amigos do que na própria família. Infelizmente, a amizade também tem os seus defeitos.

Na verdade, por vezes, uma amizade pode ser má e isso pode dever-se à vida familiar da pessoa. Imaginemos um jovem cujos pais não lhe dão importância e que vai fazer qualquer coisa para ter alguém que se importe com ele, mesmo que isso implique fazer amizades com quem não tem um bom comportamento (fuma, faz *bullying*, falta às aulas...).

Por outro lado, a amizade verdadeira é extremamente importante, especialmente para quem problemas familiares ou psicológicos, pois, na maioria das vezes, é com os amigos que os jovens desabafam sobre os problemas que os afetam. Por exemplo, se alguém sofrer de depressão e/ou ansiedade, claro que vai ter o apoio dos pais, mas, normalmente, é com os amigos em quem mais confia que desabafa...

Concluindo, a amizade é importante, tanto para os jovens como para os adultos e é com os amigos que falamos sobre os nossos problemas mais íntimos. No entanto, é fundamental saber distinguir uma verdadeira amizade de uma amizade falsa e tóxica que só nos fará mal.

Sarai Couto do 8º A

O desporto é fundamental

O desporto tem um papel fundamental na vida dos jovens e é uma atividade que tem vindo a aumentar e faz bem por diversos motivos.

Com efeito, o desporto é importante, pois, através deste, as pessoas conseguem desenvolver as suas capacidades. Por exemplo, alguém que tenha dificuldade em se concentrar ou pouca coordenação motora, com o desporto, consegue melhorar estes aspetos.

Além disso, no nosso entender, o desporto é fundamental para o convívio entre as pessoas. Através de jogos de equipa, por exemplo, é possível desenvolver a empatia, a solidariedade, a colaboração, a interajuda e a generosidade, valores importantes para se viver em comunidade.

Assim, o desporto é extremamente importante em todo o mundo, pois desempenha um papel essencial na vida dos jovens, ajudando-os a ultrapassar dificuldades e a desenvolver valores fundamentais para a sua vida.

Em suma, o desporto é necessário para a vida.

Isabel Correia e Leonor Peixoto do 8º A

Os jovens e a escola

A escola é muito importante, não só para os jovens estudantes, como também para quem trabalha lá ou para os adultos que querem o melhor para os seus filhos.

Para mim, a escola é extremamente importante, pois ensina-nos a ser bons cidadãos, a conseguir um bom emprego e a atingir os nossos sonhos, expectativas e objetivos. Por exemplo, em crianças temos vários empregos de sonhos, mas, para os alcançarmos, teremos de estudar numa escola e dar o nosso melhor. Com a escola, como referi anteriormente, aprendemos a ser bons cidadãos e a sermos educados, pois nem todos têm a mesma família, uma vez que existem pais que se preocupam e outros que, infelizmente, não o fazem.

Por outro lado, como em tudo, há sempre algo mau, que não foi bem planeado, como a carga horária escolar, os trabalhos de casa, as apresentações, os testes e muito mais. Eu entendo que tudo é importante, mas passamos oito horas na escola e, quando chegamos a casa, ou temos de estudar ou fazer os TPC ou treinar apresentações ou até ficar preocupados com o dia de amanhã. Estas preocupações não deviam existir na vida das crianças e adolescentes, e as coisas só pioram quando os adultos dizem “É só escola, não estão cansados!”.

Confirma-se que a escola é importante, mas devia-se pensar no presente e ver que os estudantes também se cansam.

Isabel Vieira do 8º D



Ilustração de
Guadalupe Leal
do 11º D

A escola na vida de uma pessoa

A escola é um local de que muita gente não gosta, mas vai para lá, de que outros gostam e ainda um local onde outros raramente põem os pés. No entanto, acaba por ser bastante importante para todos.

A escola é muito importante para a aprendizagem, embora, por vezes, isso não seja suficiente para nos motivar. Quando formos mais velhos, vamos perceber que é importantíssima para seguirmos o nosso futuro e para sermos o que quisermos, pois é a partir daí que conseguimos entrar numa universidade e arranjar o emprego de que gostamos.

A escola também não é só para estudar, correr de uma sala para a outra, ter pouco tempo para ir à casa de banho e para lanchar, mesmo ocupando uma grande parte do dia. Quantos amigos é que tu tens e conhecestes na escola? Muitas das nossas amizades vêm da escola e muitas das nossas memórias também, como aquela em que pregaste uma partida a uma amiga, dizendo que tínhamos teste na aula a seguir ou aquela memória de quando marcasse o melhor golo do intervalo ou ainda o intervalo de almoço que perdeste a fazer alguma coisa aleatória com os teus amigos.

A escola é o futuro e a amizade na vida das pessoas.

Maia Gonçalves do 8º D

Telemóveis?

Nem pensar, o que está na moda são os manuais digitais

A mais dura realidade dos dias de hoje é que os manuais digitais vieram revolucionar o ensino. Para além de pouparem as costas dos pequenos ainda são muito úteis. Por outro lado, os telemóveis são um perigo, viciam e não servem para nada. Os jovens, hoje em dia, passam mais de quatro horas agarrados àqueles monstros.

Então, qual foi a solução que o governo arranjou? TIRAMOS OS TELEMÓVEIS E METEMOS OS MANUAIS DIGITAIS!

Olhem que excelente ideia! Mas, esperem aí, quanto tempo é que as crianças estão na escola? Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, ah, pois, são oito horas. Curioso porque a maior parte dessas oito horas é ocupada em aulas a olhar para um computador. Mas, “prontos”, o que importa é que as costas dos meninos não se magoem!

Acho que os computadores são muito bons, quer dizer, o governo não iria investir 24,2 milhões de euros em algo inútil, não é?

Enfim, se perguntamos à comunidade escolar qual é a sua opinião, a maioria irá dizer que detesta, mas sempre irá haver aquele grupo de alunos que vai dizer que são incríveis, seja porque podem jogar, seja porque podem ver as soluções, seja porque não precisam escrever.

Resumindo, acho que devíamos ir buscar a ideia à nossa amiga Suécia, recuar com isto tudo e voltar à moda antiga. Afinal, esta fica mesmo aqui ao lado!

Yara Cardoso do 8º B

A escravatura infantil

A escravatura infantil consiste em situações de exploração que uma criança não pode recusar devido a ameaças, engano, abuso de poder e violência. De acordo com dados da ONU, mais de 150 milhões de crianças estão sujeitas ao trabalho infantil, o que representa quase uma em cada dez crianças do mundo.

Estas crianças podem ficar com danos mentais, emocionais e físicos. Acaba também com a sua felicidade. São crianças pequenas e inocentes que podiam aproveitar a sua infância como as outras.

Na nossa opinião, todos devem ter os mesmos direitos e serem igualmente respeitados. Não concordamos com a escravatura infantil, pois todos devem ser remunerados pelo trabalho que fazem e todos devem viver uma infância feliz e a escravatura infantil não permite isso.

A escravatura infantil desrespeita o artigo nº. 4 da declaração Universal dos Direitos Humanos:

“Ninguém será mantido em escravatura ou em servidão; a escravatura e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos”.

Inês Costa e Leonor Vieira do 7º B



Ilustração de
Vitória Moura
do 11º D



NOTÍCIAS DA ESCOLA
NOTÍCIAS DA ESCOLA

NOTÍCIAS DA ESCOLA
NOTÍCIAS DA ESCOLA

ENCONTROS INTERGERACIONAIS

A sabedoria inerente à idade e à experiência de vida tem um valor incalculável e não se encontra na internet nem tão pouco nos livros. Os idosos são uma incomensurável biblioteca de conhecimento, mas envolta num invólucro frágil, sedento de atenção, carinho e companhia.

Sensibilizar os jovens para que reconheçam estas qualidades, valorizem quem trilhou e preparou cuidadosamente o caminho que percorrem na atualidade, partilhem conhecimentos e experiências e, acima de tudo, devolvam o sorriso, a alegria e sentido da vida aos nossos idosos é um dos mais nobres objetivos da Estratégia de Educação para a Cidadania da ESMA.

Dando continuidade a um projeto iniciado há dois anos, os alunos não defraudaram as expectativas e as turmas E do 10º ano e C do 11º ano visitaram, na época natalícia, os Centros de Dia da Conceição, dos Flamengos e a Santa Casa da Misericórdia da Horta.

A música, os jogos, os cânticos, o convívio e a alegria foram os ingredientes necessários para adoçar quatro tardes únicas para todos os envolvidos. Mas a melhor prenda terá sido a promessa de que voltariam.

Lívia Silveira

MANHÃS DESPORTIVAS

Realizadas três vezes ao longo do ano letivo, as Manhãs Desportivas são dos eventos com maior adesão na Escola Secundária Manuel de Arriaga. São organizadas pelo Departamento de Educação Física e mais do que torneios, são autênticos festivais desportivos onde a alegria, motivação, cooperação e a superação assumem papéis de destaque!

O torneio de voleibol decorreu no dia 04 Dezembro de 2024 no âmbito da 2ª Manhã Desportiva do ano letivo 24/25, em simultâneo com as competições de atletismo Mega Salto e Mega Sprinter. É um dos torneios com maior participação!

A realização do evento deve o seu sucesso ao trabalho de equipa realizado entre alunos e professores! Destaque para o trabalho realizado por alguns alunos das turmas 9ºB, 9ºC, 11ºG e 11ºH, que ficaram responsáveis por gerir diversas tarefas de grande responsabilidade. Foram incansáveis nas suas funções!

As funções mais técnicas foram enquadradas de forma muito profissional e animada por alguns docentes do departamento 7 e funcionários do Serviço de Desporto do Faial! O contributo destes foi decisivo para a dinâmica e para o sucesso deste torneio!

À equipa masculina da turma 8ºB foi atribuído o Cartão Branco pela atitude de *fairplay* e desportivismo aquando de um jogo contra uma equipa com falta um jogador. Por iniciativa própria, esta equipa retirou um dos seus jogadores para não criar uma situação de desvantagem ao adversário! Que atitude inspiradora dos alunos Diogo Neves, Francisco Silva, Gustavo Dias e Salvador Vieira!

O Professor Bruno Silveira, organizador da edição 2024/2025, agradece a todos os que contribuíram para o sucesso deste torneio. Aos alunos, aos docentes do Departamento de Educação Física, aos funcionários do Complexo Desportivo, à Escola Secundária Manuel de Arriaga e ao Serviço de Desporto da Ilha do Faial.

Departamento de Educação Física



MAIS UMA NOTÍCIA DA ESCOLA



Norberto Serpa ao ARAUTO: “Lutem pelos vossos sonhos!” ENTREVISTA



Norberto Serpa é o mais conhecido e internacional dos “lobos do mar” dos Açores. Com várias décadas dedicadas ao mar e à vida marinha, conjugando experiência e conhecimento, teoria e prática, transformou-se num ícone e numa referência.

Como tantos, nasceu no Pico, estudou no Faial e fez-se pessoa nesta comunidade única que junta as duas ilhas por um canal que tanto divide como une.

Norberto Serpa, depois da aventura da sua vida entre os barcos do DOP e os da sua empresa, cumpre, nos dias de hoje, um velho sonho de infância, adormecido pelas vicissitudes da vida: ser um aventureiro, aquela “gente doida, que ficava muitos dias sem ver terra” como lhe explicou um dia a mãe, aguçando o desejo em vez de o reprimir.

Nesta edição do Arauto, que chamamos de “Cronicando”, tem pleno cabimento esta quase crónica de viagens que foi a nossa conversa com Norberto Serpa, um verdadeiro aventureiro do século XXI.

Norberto Serpa, um picoense, como muitos, que escolheu o Faial para viver depois de para cá ter vindo estudar ainda adolescente. Que memórias guarda da escola e da cidade da Horta do seu tempo de estudante?

Vim para o Faial estudar com uma irmã aos 14 anos, para o 3º ano. O primeiro ciclo tirei externo, em São Caetano/Terra do Pão. Fiquei 3 anos no Liceu da Horta, mas não acabei aqui o 9º ano, voltei para o Pico acabar no Externato da Madalena.

A passagem pelo Liceu da Horta foi “forte maravilha”, foi como se fosse hoje ir estudar para Londres ou Nova York, porque com essa idade só tinha vindo uma vez ao Faial. Para que os vossos alunos melhor se localizem no tempo, nessa altura, conheci várias pessoas no Pico que nunca tinham visto o Faial, sabiam só que existia...

“Cresci” muito com essa vinda para o Faial, mas sempre com a cabeça no mar, com forte curiosidade de conhecer o que ia para além do horizonte.

Não era um aluno bem-comportado, apanhei uma falta disciplinar em Educação Física, tinha a mania que “trepava” mais do que o professor Brito, e em Música o Sr. Gaudêncio também penou comigo. As disciplinas em que me safava eram Matemática, Físico-química, Geografia e Ciências. No que tocava a estudar eu era mesmo péssimo, mas tive a sorte de cativar alguns professores como o Prof. Tomás da Rosa, picaroto de gema, que a Português me dava sempre 10, 10, 9, para passar.

Passava os dias a pescar, visitando traineiras do atum (muitos desses pescadores eram do Pico), convivendo com os velejadores no bar Peter (nos seus próprios veleiros no meio da baía, porque não havia marina).

Voltei para o Pico e acabei o 9º ano no Externato da Madalena.

Foi durante muitos anos técnico no DOP da Universidade dos Açores. Como é que essa profissão o levou à fundação da sua empresa?

Aos 24 anos fui trabalhar no DOP alguns meses, mas acabei por ficar lá mais de 32 anos. Foi realmente o melhor que poderia ter acontecido: colegas, trabalho, uma grande aprendizagem, as pessoas que lá passavam de outros centros de investigação, as viagens que fazia no país e estrangeiro. Com esse conhecimento adquirido acerca do mar e daquilo que lá existe, fui sendo conhecido fora das ilhas e colaborando em vários projetos de carácter científico, para mim um grande divertimento.

Entre para o DOP por uma porta e saí por uma bastante maior, mas mesmo assim vivo com uma grande dívida a essa instituição, pelo pouco que lhe dei e o muito que recebi, por isso mesmo, depois de lá ter saído, sempre que posso continuo ao lado deles. Realço alguns trabalhos como a marcação (telemetria de satélite) de mantas em Cabo Verde e tubarões-martelos nas ilhas Galápagos, já com o meu barco «TAKA tres”.

O mergulho amador e, um pouco mais tarde, o mergulho profissional trouxeram-me alguma estabilidade financeira e uma imagem enviada para fora dos Açores, como sendo o Norberto o “Diver” dos Açores. Aproveitando essa divulgação, algumas vezes feita por jornalistas/ documentadores acerca do mar, abri há cerca de 30 anos a empresa “Norberto Diver” na antiga gare marítima, num pequeno espaço que também era ao mesmo tempo depósito de bagagem.

Como definiria a empresa Norberto Diver?

A empresa Norberto Diver foi e continua a ser uma “escola” para muitos jovens “skippers” e “guias de mergulho” na nossa região e fora dela, pioneira em determinadas atividades que só nós é que oferecemos, até este momento.

No início da empresa, praticamente existiam duas atividades marítimas, mergulho e observação de baleias. Com o surgir de outras empresas do mesmo ramo, tive de investir noutras atividades e modernizando com novos barcos e equipamentos.

Com a divulgação dos Açores no Mundo, nos últimos anos tivemos a abertura a mercados diferentes, voos diretos desses mercados para os Açores, muitos programas em Televisões, documentários em revistas da modalidade e em jornais, daí uma maior procura de turistas.

O que mais aprecia, como proprietário e fundador, na sua empresa hoje?

Orgulha-me as muitas pessoas que marcam as suas férias e fazem questão de estar comigo, em qualquer que seja o programa que eu lhes proponho...isto sempre aconteceu desde o início da Norberto Diver e continua nos nossos dias.

Uma das mais valias da Norberto Diver são as pessoas que colaboram comigo, sempre tive desde o início gente muito jovem, alguns saídos da escola, outros da universidade, outros com mestrado e outros depois de terem o doutoramento. Trabalhar com pessoas com esta formação/educação é realmente um privilégio.

O que mais procuram as pessoas na sua empresa?

A maioria das pessoas, devido à sua abrangência, é a observação de baleias e logo seguida do mergulho com escafandro, mas também viagens privadas de meio-dia ou de dia completo no “triângulo”, natação de grandes distâncias, apneia, etc...

Desde a sua fundação até ao presente, muitas coisas mudaram no mundo e na visão que se tem do mar e dos seus recursos. Quais são aquelas que considera as maiores diferenças?

A maior diferença entre o passado e o presente é encontrada no fundo do mar, na abundância da biodiversidade, havia muito, tanto, e de tudo.

Os ecossistemas que encontrei no mar há 40 anos em comparação com hoje só me deixam muito triste a pensar que, se continuarem a ser “maltratados” e explorados à mesma velocidade, daqui a muito menos tempo, muitos desses habitats ir-se-ão transformar numa outra realidade com outras espécies e interações, até outra paisagem mais vazia e pobre.

Temos cada vez mais pessoas a explorar recursos que não são inesgotáveis. É preciso gerir com sentido de responsabilidade, bom aconselhamento científico e em proximidade com os utilizadores.

Um tema incontornável no presente é o que tem a ver com as chamadas alterações climáticas. Como é que um “lobo do mar” experiente como o Norberto, olha para esta questão e para o debate entre os que as negam e os que as proclamam como uma emergência?

O maior cego é aquele que não quer ver. Poderia falar de muitos ecossistemas altamente ameaçados noutros sítios do planeta que conheço, mas neste momento prefiro falar na situação dos Açores, a alga invasora. Atenção que neste momento é muito pontual e muito recente (cerca de 10 anos) para poder falar com certezas futuras (aliás quem sou eu para falar disso!). Apenas vou falar daquilo que vejo e sinto na “alma”, o desaparecimento de tanta vida marinha (algas e peixes), que lutam agora nessas zonas pela sua sobrevivência. Nos últimos dois anos só me apetecia “chorar” depois dos mergulhos costeiros.

Um outro debate que divide as opiniões é o da linha nem sempre clara que divide a preservação e a exploração, o equilíbrio natural entre predadores e presas. Qual a sua opinião sobre isso, em resultado da sua observação prática de muitos anos?

Preservação, no que toca ao mar, é deixar por mais algum tempo algumas espécies comerciais com um “stock” saudável para que as pessoas que as exploram continuem a ter o seu sustento por mais algum tempo....

Acreditem que os nossos stocks dos peixes comerciais estão cada vez mais ameaçados devido a duas situações pilares: o “lóbi” empresarial e o político.

Investimentos em barcos, mesmo sabendo que os nossos stocks estão bastante ameaçados sem se valorizar mais o pescado, para que os nossos pescadores tenham salários dignos....

Há dias li numa comunicação que os filipinos estão a salvar as pescas em Portugal (alguns já chegaram aos Açores).

Os barcos espanhóis que descarregam na Horta (também dos stocks açorianos) têm uma tripulação de 17 pessoas só três são espanhóis, os restantes são indonésios... portanto os armadores não devem estar mal ...

Estas situações estão a ajudar os nossos pescadores a preservar o futuro dos nossos stocks e dos nossos pescadores? Não será um lóbi de quem nos manda?

O lóbi político é, sem dúvida, o maior entrave, para a sua preservação, uma vez que os votos falam mais alto. Existem dados científicos e empíricos que aconselham obviamente a limitação de várias espécies e épocas de defeso.

Em relação aos cetáceos, o stock está saudável, embora também haja grande hipocrisia, atendendo a que muitas das espécies que por aqui passam fazem parte do stock do Atlântico Norte, quando chegam a alguns países no Norte da Europa, são caçadas em nome de determinadas tradições.

Durante muitos anos organizações ecologistas travaram os japoneses de caçar baleias e conseguiram, mas neste momento os japoneses lançam no mar o maior navio do Mundo de caça a baleias, todos calados....

Um mundo saudável mantém um equilíbrio entre predadores e presas. Sabemos que, embora os predadores sejam numericamente muito menos do que as suas presas, eles têm uma função de regular o funcionamento dos ecossistemas onde se inserem, alimentando-se de animais menos adaptados, fracos e mais vulneráveis. A predação faz com que as populações de presas sejam mais saudáveis. Hoje sabemos que os grandes predadores de topo oceânicos, como tubarões, atuns, espadartes e espadins, entre outros, foram e continuam a ser intensivamente explorados pela pesca desenfreada, desequilibrando os ecossistemas onde se inserem. Os efeitos não são facilmente observáveis, mas ao longo do tempo espera-se que essa exploração intensiva de predadores cause perturbações graves no funcionamento dos ecossistemas marinhos. O mesmo se passa em relação aos ecossistemas costeiros onde os predadores mais importantes são intensamente explorados pela pesca, empobrecendo esses ambientes submarinos. Em termos do impacto para o homem, que também depende dos oceanos para se alimentar, a exploração não sustentável de predadores de topo faz com que estejamos a nos alimentar cada vez mais em níveis tróficos mais baixos, explorando as presas que os predadores que ainda restam também precisam.

O que espero mesmo é que a pesca seja mais bem gerida e que os grandes predadores possam voltar aos nossos mares como no passado. Sabemos que o fim da caça generalizada às baleias permitiu que as populações dessas baleias estejam a aumentar, e gostava de ver isso também em relação aos peixes grandes predadores como os tubarões, os atuns e espadartes, mas também meros, meros badejos e outros.

O Norberto está a dar a volta ao mundo de veleiro. Como surgiu esse projeto/ aventura e que objetivos tem?

Nasci em São Caetano do Pico, numa família de seis filhos, numa casa com dois quartos e uma cozinha, sem gás nem eletricidade, tudo a “lenha”. Meu pai era remador dum barco de pesca, mas só ia para trazer o peixe para a família. Era muito criança quando vi passar um veleiro no sul do Pico e perguntei a minha mãe (a minha inspiração) que barco diferente era aquele? “Um aventureiro”, disse ela, reprovando, pois eram gente doida, que ficavam muitos dias sem ver terra, e muitos eram engolidos pelas ondas...e longe de imaginar que eu, um dia, ia fazer o mesmo! Aos 24 anos troquei a vida da pesca para vir trabalhar como técnico no Departamento

de Oceanografia e Pescas/OKEANOS... sendo aqui que encontrei um ambiente extraordinário, para poder utilizar sempre o mar para viver, viajar, conhecer pessoas e, claro, fazer um grande “leque” de Amigos. Juntando a isso, a juventude, paixões, mulher, filhos, tudo fez adiar o sonho da circum-navegação, a viagem no Mundo.

Mas os sonhos de criança adormecidos, quando vêm ao de cima, são esses os verdadeiros sonhos. Esta circum-navegação foi mesmo iniciada na altura certa.

Acreditem que esta viagem, que teve o seu início há 6 anos, não tem um fim à vista. Claro que irei passar pelos Açores no próximo Verão com o meu “TAKA tres”, mas, enquanto tiver energia para “levantar a vela”, irei continuar.

Pelas amizades que faço, pelos encontros inesperados de pessoas já conhecidas, por aqueles que me “abrem a porta” em tão pouco tempo, pela família que me vai visitando, pela quantidade de Amigos que vão fazendo algumas etapas, por aqueles que me conheceram apenas alguns dias e voaram de tão longe para passar apenas alguns dias no “TAKA tres”. Continua a ser uma forte maravilha, pelas lindas amizades que recebo e pelo “rasto” que vou deixando.

Todas as terras são diferentes, mas o que mais me enche o coração e mais registo são as pessoas que lá vivem. A minha ‘Estrelinha” deu-me um dom e uma energia, de estar sempre a encontrar pessoas boas. Podem acreditar que por todo o Mundo que passei encontrei gente linda.

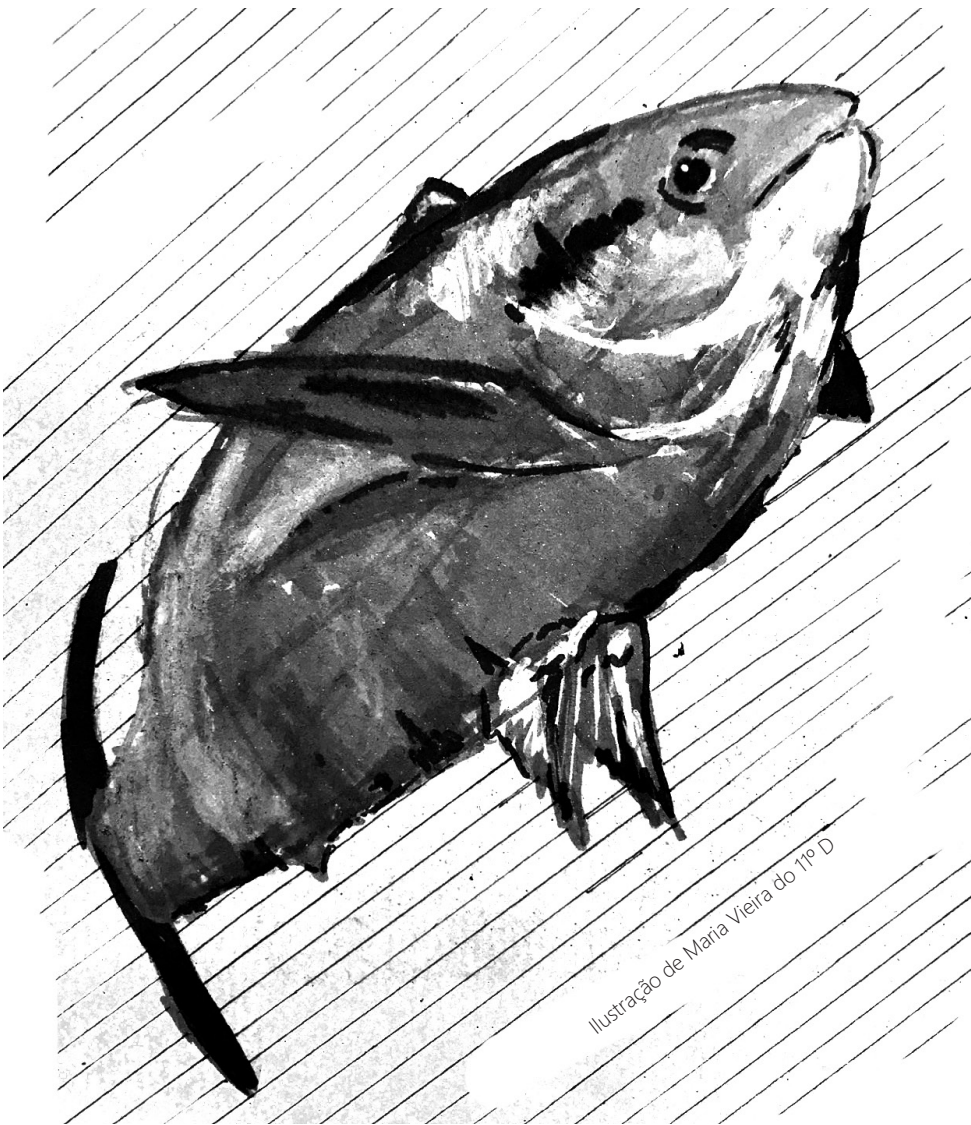
Costumamos dizer que não é fácil termos o melhor de dois Mundos, mas sou mesmo um felizardo, eu tenho. O mais difícil é agora esta época do Natal a pensar nos netos...um deles há uns dias partiu-me o coração quando falava com ele... “nunca passaste o Natal connosco” ...oi,oi,oi,oi,oi, doeu-me tanto.

Que mensagem gostaria de deixar aos alunos da Escola Manuel de Arriaga que gostam do mar e da aventura?

Quero deixar uma dica aos vossos alunos, que gostam mesmo do mar e até mesmo aqueles que não gostam assim tanto: experimentem fazer um “estágio” nas empresas turísticas, mesmo nesta fase da sua vida, para saber se é mesmo isso que querem, mas não abandonem os estudos, não esqueçam que neste momento 90% dos meus colaboradores têm um curso universitário. Alguns, depois de virem trabalhar comigo, trocaram de “área” mais ligada ao mar. Os mais entusiasmados, comecem por tirar a carta de Patrão local, para poderem fazer parte da equipa no mar como segundo tripulante, para um dia mais tarde serem “skipper”. Acreditem que têm uma grande porta aberta, não só nos Acores como também noutros países. Alguns que por aí passaram são hoje comandantes de grandes iates, tanto à vela como a motor. Atendendo à sazonalidade dos Açores, poderão trabalhar nos Açores quatro ou cinco meses e outros tanto fora, embora vos sejam exigidas outras formações, que a Escola do Mar na Horta já esta preparada para dar, com excelentes professores e equipamentos.

Lutem pelos vossos sonhos! É que, como dizia Ernesto Che Guevara, a luta só se perde quando se desiste.

E leiam. Leiam Fernando Pessoa. Aconselho o Livro do Desassossego.



CRONICANDO DO CRO NI CANDO CRONICANDO



Ilustrações de Emiliano Chiappa
e Eva Frias



FINALISTAS À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

O tempo passa a correr no último ano do secundário e parece que andamos numa montanha-russa de emoções, na qual se dá uma voltinha aos nervos e ao medo de falhar a cada dia que passa.

“Este é o ano que têm de dar o tudo por tudo”, ouvimos, tanto aqueles que pretendem prosseguir estudos universitários, como os que pretendem enveredar pelo mundo do trabalho, ressoando como sinos na nossa cabeça.

Fomos os escolhidos: este ano, os exames têm um peso diferente na média e o de português é obrigatório para todos para concluir o ensino secundário (Medo?!).

Para muitos jovens, nesta altura, o futuro surge incerto, envolto num nevoeiro denso. Não se vislumbra a hora da independência da nação, entenda-se “casa dos pais”, ou o triunfo de uma decisão final: Qual(ais) o(s) curso(s) a nos candidatar.... É como se, de repente, toda a nossa vida dependesse das notas. Facto: realmente, depende. Aí começa a ansiedade, porque a realidade é esta, tudo depende de nós. Se para uns terminar o 12º ano é “Ufa! Finalmente vou acabar o secundário, vou trabalhar e ganhar o meu dinheiro!”, para outros é a dor de pensar em “Pessoa”. As metas que queremos alcançar, as escolhas que precisamos de fazer, isto depende de nós e das tais médias às quais se juntam carinhosamente uma queda de cabelo brutal e umas quantas unhas roídas!

Por vezes, a mente parece uma folha em branco, logo na altura que temos de estudar. O diabo tenta-nos e só nos apetece deslizar o dedo no ecrã, a ver *Tiktok's* e *Reels*, ou ir treinar, ou até mesmo ajudar nas tarefas de casa de que nem gostamos tanto, mas tudo parece mais apetecível do que estudar.

De repente, pensamento acelerado! E se não tirarmos boas notas nos testes ou nos exames que precisamos como prova de ingresso? Será que conseguimos acabar esta etapa? Será que conseguimos entrar na universidade? E se não escolhermos o curso certo? E se não conseguirmos aguentar a pressão? E se, mesmo depois de tudo isto, não conseguirmos entrar no mercado de trabalho e sermos pessoas realizadas e termos o nosso *happily ever after*? Sai mais uma crise existencial à Álvaro de Campos para a mesa 1.

Para muitos, a pressão vem de fora, para outros, no entanto, sentem que vem de dentro: “*Tens de conseguir, Não podes falhar.*”. É nesta altura que pesa na consciência aquilo que devíamos ter feito, em vez de procrastinar, ou deambular ao estilo de Cesário Verde, pelo quarto, que quase transfiguramos os manuais numa bebida fresca e a cadeira da secretária numa espreguiçadeira estendida numa praia para os lados de Espanha (Gandía, espera-nos! Hasta la vista, baby. Will be back!).

Os amigos. Com estes partilhamos sonhos sobre como será a vida depois do secundário e fazemos planos que talvez nunca se concretizem, mas que nos ajudam a manter a esperança e a união.

A ansiedade do 12.º ano é, assim, um misto de emoções. É o medo de falhar e do que está para vir, mas também a expectativa de algo novo e de nos desafiarmos e realizarmos os nossos sonhos e objetivos.

É o último capítulo desta fase da vida e o começo de outra. Não é para dar nervos miudinhos? Claro que é. Afinal, saímos do ninho seguro e confortável.

Creio que, um dia, vamos rir de todo este stress e da ansiedade e achar que foi tão insignificante, pois, a cada passo, a cada etapa, os desafios são maiores e pesam mais.

Só de pensar que temos de deixar tudo para trás para realizar os nossos sonhos, cansa.

Cansa pensar sobre isto! Que grande dor de pensar!

Maria Pinto Pereira do 12º C

As mesmices de fim de ano

Vou escrevinhar estas regras porque avistei, agora mesmo, o meu diário de leituras.

Sentindo que mais um ano chegou ao fim, é hora de balanço... Ao observar a lista dos livros supostamente desejados, vejo que nem todos (como sempre) foram lidos e que outros foram inseridos pelas mais distintas razões. Talvez, só talvez a vida seja isso mesmo... um emaranhado de desejos e vontades e sonhos que existem para mostrar-nos que a realidade é o que é: um eterno comparar de realidades.

Sim...há insatisfação por não ter cumprido com aquilo a que me propus, mas nem tudo alcançaremos, mesmo que mudemos a terminologia para metas ou objetivos, pois alguns destes só existem para nossa íntima frustração. Mas está certo! Há páginas que vêm com mais céu azul, com mais risos, com mais desafios, menos preocupações e outras em que as linhas não apresentam criatividade nem generosidade.

Quando a mente interroga muito o coração pode ficar confuso e sentires um peso no peito, no entanto, o pensamento voará nas possibilidades...

Então se fosse um livro, primeiro, seria um livro de poesia. Depois um livro de memórias ou aventuras, cheio de páginas, cheio de vida. Anos mais tarde, seria um livro revolucionário. Talvez chamuscado ou proibido (porém passado de mão em mão). Ou então não. Podia ser um livro de amor com paixão e até traição, mas com muitos capítulos, sem dúvida. Se eu fosse um livro teria que ser resistente para suportar o sal das lágrimas. Talvez... um clássico. Com o passar do tempo, seria uma autobiografia, cheia de peripécias.

Ao ser um livro, tinha que ser uma tentação para quando só restar a imaginação... até não me pesava ter rugas na capa!

Que este não seja um grito mudo para um ouvido surdo!

Continuemos com boas leituras!

Alfredina Marcos



Ilustração de Maria Vieira do 11º D

Socorro! Estou a envelhecer desde que nasci!

Quando comecei a dar aulas toda a gente me tratava por “menina”. Pequenina e “menineira”, fui muitas vezes confundida com uma aluna. Esta brincadeira, a que achava imensa graça, durou mais de uma década. Entrei na casa dos 30, com uma rapidez que só agora identifico, e o adjetivo “menineira” pareceu acompanhar-me de pedra e cal. Para quem não sabe, “menineira” é um termo informal que se utiliza para qualificar a feição ou a cara de uma pessoa como sendo jovem, de menina. Como devem calcular, a coisa caía como um elogio, que sempre aceitei de forma generosa e, confesso, com alguma vaidade.

Avançando na linha cronológica, por volta dos 40, ao termo “menineira” juntaram-se outras expressões, ligeiramente mais técnicas e menos populares. *Ninguém diz que tens 40 anos! Ricos genes!* Continuei a aceitar os elogios, certa de que mais ano menos anos iam desaparecer. A dada altura, celebrar o dia do aniversário deixou de ser divertido e começou a causar um certo desconforto matemático. Se aceitar a ideia de que, numa situação normal, os 40 e poucos serão aproximadamente metade da nossa vida, então metade já passou. Metade já passou é uma expressão bastante assustadora. Não há volta a dar, não há como parar o tempo. E quando manifestas o teu estado semidepressivo perante a ideia de completar mais um ano, lá vêm os excessivamente otimistas. *Ah!... e tal, a idade é um estado de espírito; o que interessa é manter um espírito jovem; envelhecer é um sinal de que estamos vivos; o tempo parece não passar por ti; velhos são os trapos! Meias-verdades, senhoras e senhores, meias-verdades! Ora vejamos.*

Diz-se que no processo de envelhecimento é fundamental manter um bom “estado de espírito”. Mas o que significa exatamente “estado de espírito”? E o “estado de corpo” não interessa? Quem disser que *não* interessa, desculpem-me a franqueza, está a ser hipócrita. Ponto. Mente sã, em corpo são. E um corpo sem mazelas, de preferência – situação difícil de evitar a partir de um certo ponto.

E “manter um espírito jovem” é exatamente o quê? É *não fazer anos* a partir dos 30? É ser moderno e otimista? Ter uma mentalidade aberta? Ser um nativo digital? Ouvir música alternativa? Ter sempre uma atitude positiva? Não vos quero deixar tristes, mas bem podia indicar o nome de vários cidadãos, mais novos do que eu cerca de 20-30 anos, cujo *espírito jovem* deixa muito a desejar. São almas velhas, muitos deles.

“Envelhecer é um sinal de que estamos vivos”. Pois claro. Não envelhecer seria sinal de que a linha do tempo teria parado. Estaríamos mortos, certamente. Trata-se de uma verdade de *La Palisse*. Como diz o outro: *um quarto de hora antes de morrer, ele estava vivo*. Ou a outra: *estar vivo é o contrário de estar morto*.

“O tempo parece não passar por ti” – passa, passa. Estão cá os meus olhos e os meus joelhos para confirmar isso mesmo. E passa cada vez mais rápido! A noção de tempo quando se tem 16 anos é completamente diferente de quando se tem 40. Aos 16 o tempo é lento, preguiçoso e colorido. A partir dos 30 e poucos parece ganhar ritmo e nunca mais ninguém o para.

“Velhos são os trapos”. Lamento, mas velhos *não são só os trapos*. Nós também somos velhos. A partir do momento em que nascemos há uma coisa que não para: o tempo. Portanto, somos todos velhos, todos envelhecemos.

A verdade é que a partir do momento em que nascemos já estamos a envelhecer. Olhando para a minha linha imaginária, na melhor das hipóteses, calculo que estará a meio. Nada mal, diriam alguns - sobretudo se pensarmos que existem outras linhas, de outras pessoas, cuja distância no tempo foi demasiado curta.

Envelhecer também tem coisas boas? Claro que sim. A idade ensina-nos muita coisa. Ajuda a valorizar mais a experiência, a ter paciência, a ser tolerante, a evitar pessoas e situações que nos fazem mal, a dedicar mais atenção e tempo ao que realmente vale a pena, a dizer aquilo que pensamos sem complexos e sem problemas de consciência. Envelhecer significa manter o traço da nossa linha visível. E isso, afinal, só pode ser bom.

Maria Miguel Pavão



Ilustração de Maria Vieira do 11º D

É a “hora” ou devia ser...

“O presente é todo o passado e todo o futuro” dizia-nos Álvaro de Campos na sua “Ode Triunfal”...

Olhando para a realidade da escola atual, a constatação da veracidade deste verso mergulha-me num mundo onde nuvens soturnas ameaçam esconder o sol por tempo indeterminado.

E, não, não são as alterações climáticas, mas sim as crianças e jovens com um universo de sonhos, projetos, mudanças infinitas ao seu alcance, como aliás sempre foi próprio destas faixas etárias, mas com um D. Sebastião, encoberto, camuflado no conceito de perfeição, a conduzi-los a uma ilha incerta, irreal e alheada daquilo que deveria ser a essência do ser humano, que é a consciência de si, dos outros e do mundo à sua volta.

Independentemente da versão lírica associada ao sebastianismo, a verdade é que, ao longo da história, muitas vezes ele serviu de justificação para a falta de iniciativa, o comodismo, a incapacidade de aceitar a imperfeição inerente ao ser humano e o alheamento duma participação ativa, consciente e responsável na sociedade.

E, agora, D. Sebastião voltou... e regressou na vitimização dos jovens por quem os tutela, na total e absoluta desresponsabilização pelos seus atos, na incapacidade de assumirem as consequências porque vivem num contexto de direitos, na competição pelas classificações altas em detrimento do conhecimento e no fogo contínuo e cerrado ao Mostrengo que é o sistema de ensino e os docentes, os quais, por aquilo que se lê e ouve, saem das suas “cavernas negras no fim do mundo” com o único objetivo de martirizar vítimas inocentes. Se atendermos a que muito desse fogo, nas redes sociais, faria Camões desejar perder o outro olho para não assistir à morte da língua que ele tanto amou, talvez possamos ser solidários com a angústia desta classe profissional em vias de extinção e votada ao ostracismo...

Claro que há exceções, mas são o elo mais fraco nesta torrente que está a destruir tudo por onde passa...

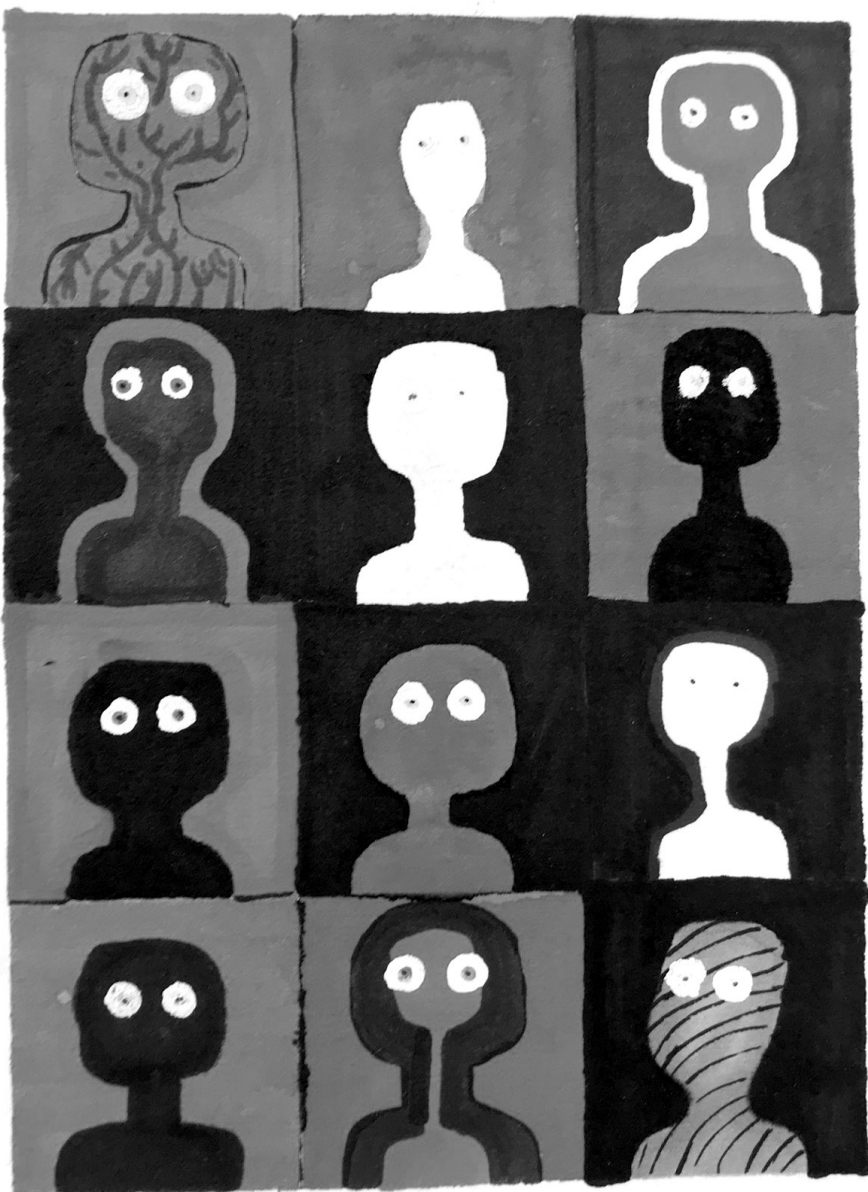
Custa-me admitir este facto, após tantos anos dedicada ao ensino, mas estes progenitores, na minha modesta opinião, estão a condicionar gravemente o futuro dos filhos, o seu futuro, o nosso futuro, o futuro da sociedade. O pior é que este presente, que será o futuro e é consequência do passado, nos cai em cima já que, nesse passado recente, fomos nós (a escola) quem os formou...

Onde é que falhámos tanto para que o presente augure um futuro tão pouco promissor? Recuso aceitar que já não “vale a pena”. Os nossos jovens continuam a ser um oceano de oportunidades e têm tanto para nos oferecer.... Precisamos que eles continuem a ser o sol que ilumina o caminho a percorrer, mas um sol consciente, responsável, solidário e humano...

Talvez fosse altura de repensarmos o caminho a seguir. Citando Pessoa, “É a hora!”.

Lívia Silveira

Ilustração de Laura Bettencourt do 11ºD



*Carta entreaberta de uma prof.ª IA**

Caros alunos,

Sou do tempo dos manuais escolares em papel, das apresentações em acetato, das cassetes e das disquetes. Sou também do tempo de procurar, nas bibliotecas, os livros de uma extensa bibliografia, de ler e reler, transcrever citações, resumir parágrafos para, por fim, elaborar um trabalho manuscrito coerente e devidamente fundamentado.

Atualmente, vivemos num tempo veloz em que tudo está a ser substituído pelo digital e virtual, pela dita Inteligência Artificial (IA), a tal inimiga da Inteligência Emocional. Não me interpretem mal. Aprecio *gadgets*, utilizo redes sociais e várias *apps* que vieram simplificar a nossa rotina e gosto de estar a par das novidades e dos acontecimentos, no que toca, particularmente, a este mundo digital e virtual. Li algures que “o infoexcluído é o analfabeto de há 100 anos”, logo considero importante que tenhamos a capacidade de aprender com as TIC, de seguir as tendências e atualizações sobre a IA e os seus efeitos no meio em que vivemos.

Confesso-vos que é um mundo sedutor pela forma fácil como nos devolve, por exemplo, um texto, qual pedido no *drive-thru*: não cozinhamos, só pedimos e *voilà!*

No entanto, acredito que precisamos de continuar a ler, a interpretar e a escrever, com a inteligência natural. Há estudos que validam que estes atos considerados arcaicos, num futuro próximo, aumentam a conectividade cerebral e, por conseguinte, aumentam a memória, a recordação e a retenção de novas informações.

A verdade é que a escrita na nossa sala de aula está fragilizada: falta mais hábitos de leitura, para alargar o leque do vocabulário e consolidar a estrutura frásica. Falta planificar e organizar mais as ideias, entre outros. Um exemplo: uma aluna, do mais alto do meu desespero diz: “Parece fácil quando a professora explica, mas, quando começo a escrever, as palavras fogem como eu quero fugir daqui!”. Como evitar o plano de fuga? Soluções? “O chat “XXX” resolve isso em três tempos! É o futuro!”, dizem alguns alunos. Não iria por aí, pelo contrário, incentivaria a ler, ler e ler e escrever, escrever e escrever como um treino intensivo, para ganhar músculo.

Pensemos: o que acontecerá se a escrita e a análise de textos produzida pela IA forem mais eficientes do que a mente humana? Sem alma, sem emoção? Sem histórico ou contexto? Uma verdadeira traição do humano “criador” para com o humano “comum”, não? Creio que ela veio para ficar, logo é aceitar e tirar o melhor partido dela. Como diz o velho ditado “Se não [a] podes vencer junta-te a [ela]”, mas sem nos anularmos nem perdemos a capacidade de pensar criticamente sobre o que nos rodeia.

Refletamos: será que os professores vão ser substituídos por máquinas? Não creio. Os professores precisam dos alunos para pôr em prática a sua missão e transmitir conhecimentos e, por vezes, princípios e valores e os alunos, para uma boa aprendizagem, precisam de quem possua uma boa dose de Inteligência Emocional, de paciência, de empatia, de criatividade, de capacidade de resolução rápida de problemas e de imprevistos não previstos pela IA.

Só uma nota final, pois sei que não gostam de textos muito extensos. Este cérebro artificial foi criado por humanos, dotados de neurónios *premium*, sem dúvida, e que merecem o nosso reconhecimento público pelas vantagens que tem trazido a diversas áreas. No entanto, ele depende dessa mão de obra humana para evoluir e dependerá dela igualmente, para que possa ser uma ferramenta que não nos substitua, mas que seja nossa aliada em soluções que acabem, por exemplo, com as crises e conflitos internacionais, com as doenças incuráveis, com as alterações climáticas e com o que nos possa pôr em causa, como seres dotados de inteligência natural.

A vossa prof.ª IA**

**Cronicando*, ao estilo de Mia Couto, inspirada em “Carta Entreaberta do Corrupto Nacional”

**Intelectualmente Apreensiva

Ester Pereira



Ilustração de Maria Vieira do 11ºD

O de balanço 2024

Com o final de 2024 chegam os balanços e vale a pena recapitular alguns dos acontecimentos que marcaram o país e o mundo.

Na geopolítica continuou o conflito que vem desde 2022, mas que, efetivamente, foi iniciado em 2014, a invasão da Ucrânia pela Rússia. Em fronteiras próprias também estão ativos conflitos, ou seja, guerras-civis, principalmente no Myanmar e no Sudão. Também no ativo, a guerra na Palestina que se estende ao vizinho Líbano (pela óbvia necessidade de neste último existir a vontade de “neutralizar ameaças”, segundo o governo israelita, pelo menos). Ainda no capítulo das insurreições armadas no mesmo país, na Síria, a guerra parece ter chegado ao fim, com a tomada de Damasco pelos rebeldes e a deposição do sanguinário ditador Bashar Al-Assad, que está, agora, exilado na terra dos soviets. No entanto, o futuro é incerto e o povo sírio não pode ainda respirar de alívio.

No 24.º ano deste milénio, aproximadamente 80 países foram a votos, o que quer dizer que aproximadamente 2 000 000 000 cidadãos fizeram a cruz no quadradinho, incluindo 8 dos países mais populosos do mundo, (Bangladesh, Brasil, Paquistão, Rússia, Índia, México, Indonésia e EUA), para além da França, da Inglaterra e do Japão. Sobre isto, de igual modo para o Parlamento Europeu se fizeram escolhas. Os resultados mostraram que, entre democracias, muitos países viram o partido incumbente sair derrotado, em alguns casos por derrotas históricas. Do outro lado do Atlântico e a Norte, também aconteceu algo histórico - pela primeira vez nos últimos 132 anos foi eleito um presidente com um mandato não consecutivo e pela primeira vez na história foi eleito um presidente indiciado de crimes, entre eles insurretos e petulantes atentados ao desde logo questionável sistema democrático e eleitoral dos “States”

Em Portugal, votou-se apenas para o Parlamento Europeu, pela 8.ª vez, e a vitória foi dos socialistas que ficaram à frente da coligação Aliança Democrática, todavia apenas por um ponto percentual. Além disso, celebraram-se os 50 anos do 25 de Abril de 1974 e do restabelecimento da democracia em Portugal com pompa e circunstância, que é devida da relevantíssima data, apesar disso foi equiparada a outra importante data o 25 de novembro de 1975. Em estreia na casa da democracia portuguesa, a celebração do dia em que as movimentações militares conduzidas pelas Forças Armadas conduziram ao fim do PREC e à estabilização da democracia representativa no nosso país foi, pelas esquerdas, criticada pelo revisionismo histórico e pela deturpação do significado do acontecimento que não é equiparável a abril, mas que, no entanto, ocorreu em moldes semelhantes. Ainda neste ano se havia de celebrar o centenário do nascimento de Mário Soares, figura incontornável da vida política portuguesa nas terras lusas, um dos pais da democracia em Portugal, um dos fundadores do Partido Socialista e, ainda, um dos cozinheiros da adesão à EU. Soube, na consideração de muitos, estar do lado certo, tanto na ditadura como nos primeiros passos da liberdade. Esta indelével personagem da história portuguesa esteve, curiosamente, nos encontros filosóficos da nossa escola. O ano foi também marcado por greves de vários setores, confusões nas maternidades, incêndios que costumemente assolam o interior, quedas de governos regionais, um “Prision Break” à portuguesa e muito mais...

Já para o 2025, o ano da graça do Senhor, espreitam o final do processo de adesão da Bulgária e da Roménia ao Espaço Shengen, a tomada de posse de Trump, as autárquicas, a EXPO 2025 no Japão, o Mundial de Clubes, o Campeonato do Mundo de Rugby, o Jubileu 2025 e muitas outras coisas relevantes que aqui não estão referidas.

Martim Medeiros do 12º B



Ilustração de Vitoria Moura do 11º D



Ilustração de Vitoria Moura do 11º D

Brincando com o Pensamento - A Comunidade de Investigação Filosófica

No dizer de Lawrence Splitter, a Comunidade de Investigação Filosófica, é um ambiente estruturado no qual se dá a conexão entre “fala poderosa” (diálogo) e “pensamento poderoso” (investigação), onde existe autoconhecimento, autocorreção e metacognição.

São pessoas que se juntam voluntariamente para conversar, analisar, debater, investigar, pensar juntos. Este processo origina potenciação. É uma das atividades do Projeto da nossa escola “Os Conspiradores”.

Na Comunidade de Investigação Filosófica gostamos de brincar. Existem vários tipos de brincadeira. Podemos brincar ao “toca e foge” com o desejo que alguém corra para nos alcançar, desejando que não nos alcance ou até fugindo de quem queremos que nos alcance.

Na Comunidade de Investigação Filosófica brincamos ao “toca e fica” – tocar o pensamento, tocar um pensamento e ficar aí parado, deambulando nas suas possibilidades, impossibilidades, potências.

Procuramos pensar como este pensamento nos toca ou pode tocar, nos efeitos deste toque. O toque pode ser mágico e fazer milagres. O toque que possibilidades nos pode trazer? Quantos tipos de toque podem existir? Que toque é desejável? Que toques indesejáveis serão proveitosos? Que toques provocam urticária? Como lidamos com a nossa urticária?

No âmbito das Comunidades de Investigação Filosófica, defendemos a necessidade da potenciação de si e do outro. A realização de ser que se dá com a libertação do Humano.

Humberto Maturana no seu livro *A Árvore do Conhecimento*, diz que, “a libertação do ser humano está no encontro profundo da sua natureza consciente consigo mesma”. Daí se compreende o – Conhece-te a ti mesmo.

Pensar a comunidade e a comunidade que investiga filosoficamente justifica a necessidade de pensar a complexidade e o pensamento complexo. No pensamento complexo destacamos a dimensão da emergência – ou seja a aparição da novidade, os resultados que não podemos prever exatamente a partir das condições antecedentes da experiência.

O que emerge ou pode emergir da relação? Aqui, o todo é mais do que a soma das suas partes.

Partimos do pressuposto ou da premissa de que todos devem ter voz seja em que circunstância for, seja criança, adulto, homem, mulher, com a noção que temos em comum a diferença. Partimos também da perspetiva de que existe igualdade de inteligências no sentido em que todos temos potência para pensar e pensar bem (mesmo que nos questionemos sobre o que é pensar bem).

Consideramos que devemos pensar a pessoa como um todo na sua complexidade em que as divisões, simplificações, estratificações obscurecem mais do que esclarecem.

Acreditamos que o encontro com o outro e a relação pedagógica devam ser atos de hospitalidade. Neste sentido, gostamos da imagem do adulto como anfitrião e a criança como o que chega.

Como recebemos a “visita”? Somos hospitaleiros?

Philippe Meirieu no seu livro – *Frankenstein Educador*, cita Isaías 9:6 - Nasceu-nos um menino - e diz que: Há que meditar na fórmula, há que reconhecer sem vacilar, o caráter inverosímil, inclusive milagroso, de todo o nascimento. Há que aceitar que o nascimento de um filho não é um simples prolongamento do eu; que esse nascimento é portador de uma esperança de começo radical, da possibilidade de uma invenção que renove por completo os nossos horizontes.

Há que honrar no ser que chega a oportunidade que se nos oferece, de não nos encerrarmos no nosso passado, antes pelo contrário, ser superados de verdade.

Há que saudar, no ser que chega, seja donde seja que chegue, como um possível salvador, como uma espécie de nascimento do quotidiano, como um signo de que, todavia, pode vir tudo e realizar-se por fim o melhor.

Hannah Arendt em - *La Condition de L'homme Moderne*, afirma que o que salva o mundo da ruína normal “natural”, é, em último caso o ato da natalidade, o nascimento de seres humanos novos, que infunde nos assuntos humanos a fé e a esperança.

Consideramos pertinente receber a criança como um ato de abundância e dizer lhe isso: Tu és abundância. E justificamos com a biologia – Tu estás vivo – Huau – que potência - os milhões de processos biológicos que tiveram que ocorrer com sucesso até tu chegares aqui. És uma raridade no Universo. És um milagre vivo, um ser que chegou à consciência. E justificamos com a Física Quântica (que ela perceberá logo o que é), que diz que, lá no fundo, somos 1 % de matéria e 99% de energia. Tu és uma potência infinita de possibilidades. Tu és abundância.

Quem tem abundância e tem consciência que a tem, já não está ao nível da sobrevivência, não existe carência, a competição não faz sentido. Sobra espaço e tempo para a Cooperação e Criação. Quando estamos na presença de um ser vivo, estamos na presença de uma Potência concretizada e cocriadora.

Philippe Meirieu refere ainda que depois de “Nasceu-nos um menino” uma das expressões que se segue naturalmente será: “Um ser nos resiste” – alertando para o facto de que existe a necessidade de distinguir a fabricação de um objeto da formação de uma pessoa.

A este propósito recordamos que um dos professores de uma das turmas do 5.º ano de escolaridade com quem participávamos numa comunidade de investigação filosófica se referia a uma das crianças como: “Quem é que o pinarreta pensa que é?” porque a criança perante a explicação de um conteúdo escolar lhe tinha perguntado: “Ó professor será que isto é mesmo assim?” A criança estava sinceramente a pensar.

Consideramos que o pensamento pode e deve ser alimentado, tem vida e como tal também pode morrer, enquanto vivo, viaja. Por vezes por estradas com muitas curvas, por planícies imensas, por vezes saltando grotas ou descendo para depois subir. O pensamento também navega, por vezes por mares nunca dantes conhecidos, mergulha e sustém a respiração. Alguns pensamentos conseguem sustentar a respiração durante muito tempo. O pensamento também voa, muitas vezes deixando-nos aqui, outras vezes levando-nos com ele. O pensamento pode ser nosso ou pode não ser. Algumas vezes viajamos no pensamento dos outros, muitas vezes mesmo sem sermos convidados. Consideramos que o pensamento algumas vezes pode ser mais saboroso. Como por exemplo, após o despertar descansado numa manhã de sábado com tempo.

Fernando Vieira
(fernandomcvieira@gmail.com)

A vida eterna*

Paulo Ruas

Li há muito uma história de ficção científica em que um astronauta foi abandonado num bocado de rocha perdida no espaço exterior. Tinha consigo dois frascos: um contendo veneno e o outro uma poção que o faria viver para sempre. Ao tomar consciência do pesadelo em que se encontrava, engoliu o veneno. Mas, em seguida, para seu horror, descobriu que tinha ingerido o conteúdo do frasco errado – tinha bebido a poção da imortalidade.

William Lane Craig

Na madrugada do primeiro dia de maio de 1945, com o Exército Vermelho nas ruas de Berlim, Frau Goebbels, mulher do Ministro da Propaganda de Adolf Hitler, pôs fim à vida dos seus seis filhos. As cinco raparigas e o rapaz – com idades entre quatro e doze anos – foram mortos com o recurso a sedativos e cápsulas de cianeto. Os primeiros soldados soviéticos que entraram no abrigo subterrâneo onde os Goebbels viveram os seus derradeiros momentos na companhia do Führer e das hesitações do Alto Comando da Wehrmacht descobriram os corpos das crianças cuidadosamente vestidos deitados nos beliches dos quartos (as raparigas tinham laços e fitas no cabelo). Magda e Joseph Goebbels suicidar-se-iam no exterior do *bunker* e, tal como Hitler, deixaram instruções para que os seus corpos fossem queimados de maneira a não serem reconhecidos.

O ato dos Goebbels é uma última declaração de fidelidade aos valores do IIIº Reich e, em simultâneo, um enunciado metafísico. «Um mundo sem Nacional-socialismo não vale a pena ser vivido.» Para ambos, a queda do Reich trouxera consigo o peso inescapável de um tempo sem remissão. Num mundo subitamente privado de sentido, o futuro autonomiza-se e adquire proporções monstruosas. Com a vitória do Exército Vermelho, a Frau Goebbels já nada resta a não ser a face silenciosa e vazia de um tempo estagnado. Assassinou os filhos para os libertar da eternidade.

O gesto de Frau Goebbels tem, no entanto, antecedentes. No século XVI, após a chegada dos espanhóis e dos portugueses à América (Cristóvão Colombo alcança as Bahamas em 1492, Pedro Álvares Cabral atinge a costa do Brasil em 1500), com a exploração intensiva das minas de ouro e de prata das Antilhas que logo depois se inicia, a epopeia dos reinos ibéricos no novo continente adquire estranhos contornos. Enquanto o ouro e a prata sul-americanos enchem os bolsos dos senhores de Espanha e de Portugal e contribuem para multiplicar as oportunidades de comércio na Europa, os índios são convertidos à força a uma religião (o cristianismo) de que não sentiam a falta nem compreendem, ou reduzidos à escravatura e a uma vida miserável no fundo das minas. O esplendor da luz dourada que atravessa o Atlântico para banhar a Europa mercantilista encontra a sua contraparte na longa noite de estertor e sofrimento que dizima os índios sul-americanos.

Esta experiência ambígua (ao mesmo tempo militar, política, económica e cultural) marca uma etapa decisiva na globalização, acelerando-a. Mas, para as mães índias, que veem os seus filhos reduzidos à mais severa abjeção, é ainda uma experiência moral e metafísica: também aqui o futuro parece dilatar-se monstruosamente. O trabalho nas minas torna-se um *analogon* da eternidade. O dilema moral que sobre elas se abate tem tudo de inevitável: para escapar ao destino que os portugueses e espanhóis lhes reservaram, as mães sul-americanas optam por matar os seus filhos, engrossando assim o número dos que se suicidam em massa. Eis o que é claro: a morte parece-lhes preferível a verem-nos ser engolidos vivos pela eternidade de uma noite sem fim.

A vida eterna não é, portanto, uma prenda que necessariamente se deseje: a tragédia de Frau Goebbels e das mães antilhanas aí está para o confirmar (embora a primeira, em virtude do seu compromisso com a barbárie nacional-socialista – pense-se, por exemplo, na guerra de extermínio conduzida na frente Leste ou no projeto de Hitler para a escravização dos povos eslavos – veja abater-se sobre si um halo de perversidade que não chega realmente a atingir as índias sul-americanas, elas próprias vítimas de uma violência em tudo semelhante). Contudo, é este desejo de eternidade que melhor parece explicar o sucesso das grandes religiões, além de alguma da nossa literatura e arte mais apreciadas. Sigmund Freud, que descobriu a psicanálise, estava convencido de que o sentimento de desamparo perante a inevitabilidade da morte (e o temor que ela nos inspira) é a fonte primordial donde brotam as religiões – e, portanto, tendia a considerá-las um depósito inesgotável de ilusões. Ora, é o desejo de eternidade que confere ao gesto de Frau Goebbels um certo ar de paradoxo. Poderemos temer a eternidade mais do que a morte?

Dir-se-á que a eternidade que Frau Goebbels e as mães antilhanas queriam evitar a todo o custo é uma MÁ ETERNIDADE. Em qualquer caso, a sua sorte é semelhante à do astronauta que tivesse sido condenado a vaguear para sempre na imensidão do espaço interestelar. Num tempo congelado e imóvel, a vida aliena-se e deixa de fluir: torna-se um fardo intolerável. Não admira, portanto, que a existência adquira uma coloração disforme e sem sentido. Mas haverá uma BOA ETERNIDADE?

O escritor russo Lev Tolstói (1828-1910) pensava que uma vida sem a eternidade não vale a pena ser vivida. Num livrinho com um título imperativo – *Confissão* – Tolstói expôs de forma tocante e enérgica as suas ideias sobre o sentido da vida, a morte e a ressurreição, admitindo que, por volta dos quarenta anos, quando estava no apogeu do sucesso como romancista, a sua vida parecia ter perdido o sentido. *De que valeria o sucesso se tudo estivesse condenado a acabar um dia?* Esta pergunta – repetida vezes sem conta! – fê-lo esquecer por completo o gosto pela existência e deixou-o à beira da depressão. Contudo,

Tolstói não estava disposto a aceitar que a morte tivesse a última palavra. A miserável condição dos camponeses pobres na Rússia czarista – ele próprio era um rico proprietário fundiário – indicar-lhe-ia a saída por que ansiava. Estes homens rudes e iletrados, que viviam esmagados pelos laços de servidão feudal e a quem o quotidiano pouco tinha para oferecer além de velhas superstições milenares, uma subalimentação crónica e pequenas cabanas insalubres com chão de terra que lhes serviam de abrigo nos invernos gelados, não se deixavam deprimir pelos veneráveis problemas filosóficos que, a ele, tanto atormentavam. Tolstói extraiu desta singela reflexão psicossociológica duas conclusões: a primeira foi que os camponeses russos conheciam a resposta para o problema do sentido da vida – de outra forma, interrogava-se, como conseguiriam suportar a sua terrível condição? A segunda foi que o facto de acreditarem que Deus dava sentido às suas vidas era a prova de que existe uma BOA ETERNIDADE. Estava, como se sabe, enganado. O efeito psicológico de um placebo não prova coisa alguma, e a tolerância forçada à miséria ainda menos. (Embora fosse um escritor notável, Tolstói era um filósofo apenas sofrível.) O seu erro de raciocínio, no entanto, ajudou-o a superar a depressão em que ameaçava mergulhar. Na verdade, a resposta de Tolstói para o drama existencial que na força da idade quase o destruíra deve ser lida como um *sintoma*. A sua lógica defeituosa esconde uma necessidade psicológica mais profunda (que Freud não ignorou).

Será possível, então, viver sem nos deprimirmos nem desejar a eternidade? Embora os crentes pretendam assegurar-nos de que uma vida sem esperança na eternidade é uma vida vazia, a existência de milhões de ateus espalhados pelo mundo que estão satisfeitos com a sua condição (uma minoria, ainda assim, se comparados com o número de crentes) parece indicar o contrário. Afinal, não é a eternidade que importa – ela poderá até parecer intolerável –, mas a história.

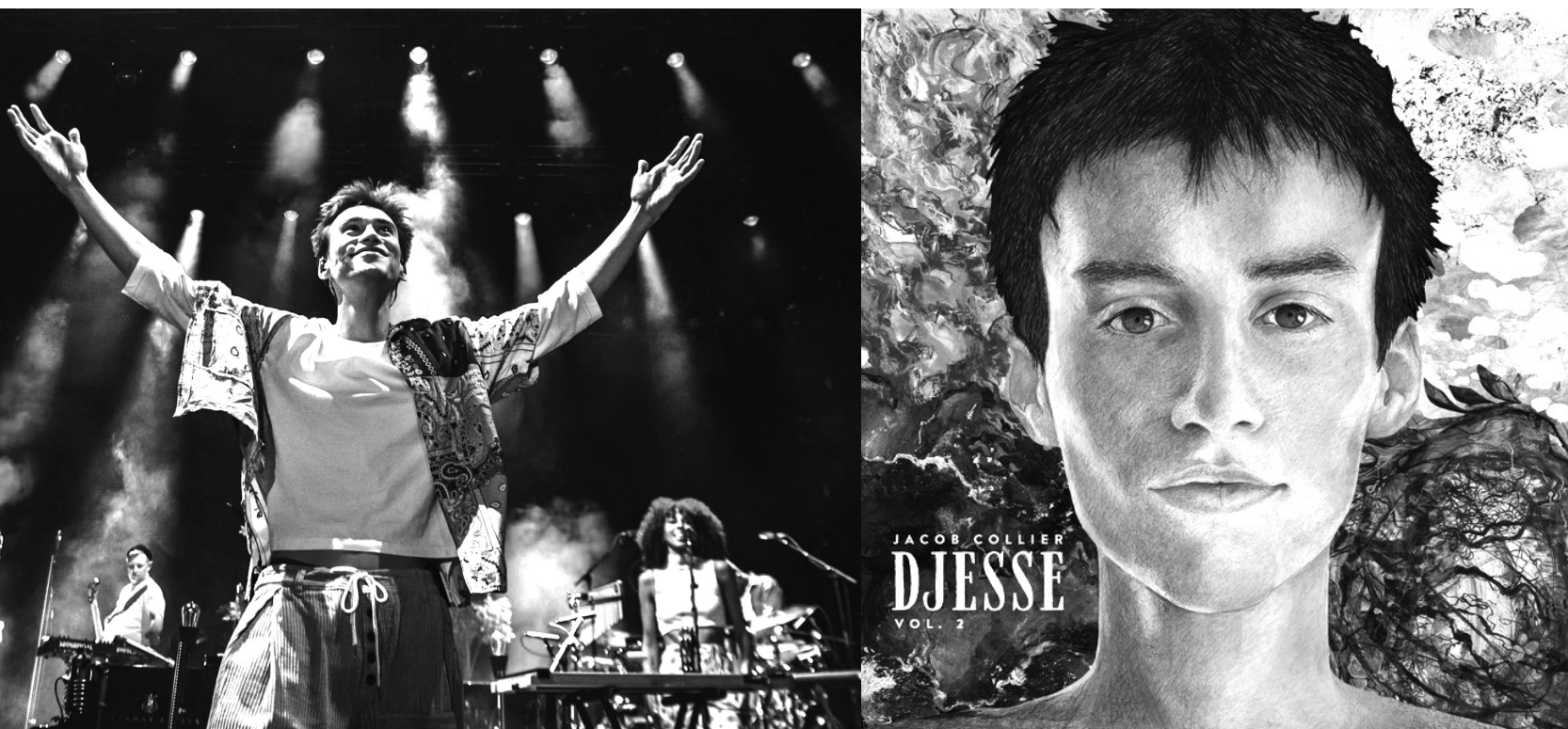
*Este texto foi facultado ao Grupo de Filosofia para uma homenagem ao colega Paulo Ruas no contexto do Dia Mundial da Filosofia.

É com emoção e gratidão que o publicamos no jornal *Arauto*, um dos projetos da nossa escola a que o Paulo sempre dedicou um carinho muito especial.

Ilustração de Maria Vieira do 11º D



HOJE SUGIRO EU



Hoje, venho trazer à comunidade escolar uma grande figura no mundo da música atual, um músico que tem vindo a surpreender todos com as suas técnicas e criatividade de composição. Alguém que, para mim, se destaca a todos os outros artistas por realmente criar música única e diferente da que existe.

Estou, obviamente, a falar do Jacob Collier, um artista britânico de um estilo musical muito único ao qual se dá o nome de “jacobiano”, mas se aproxima, dependendo do álbum, aos géneros do *jazz*, *jazz fusão*, *R&B*, *soul*, *jazz pop*, entre outros... Começou a sua carreira por criar covers de canções famosas com o seu próprio toque “jacobiano” e publicá-los no *YouTube*, os quais atraíram a atenção de grandes músicos como Herbie Hancock e “o grande” Quincy Jones (produziu várias músicas do Michael Jackson). Jacob, rapidamente, foi contactado por Quincy que lhe ofereceu a oportunidade de participar no *Montreaux Jazz Festival*, um dos maiores festivais de jazz no mundo realizado na Suíça. Com este maior reconhecimento do seu talento por outras figuras do jazz, Jacob começa um projeto de angariação de fundos para a produção do seu primeiro álbum. E, assim, em 2016, lança o seu primeiro álbum “In My Room”, que recebeu vários prémios, inclusive dois Grammys (um grande arranque para uma carreira, ainda em andamento, de grande sucesso).

Para mim, o fator determinante de qualidade e destaque de qualquer coisa é a sua unicidade; se, de facto, for criado algo diferente, incomum, estranho ou incomparável a tudo o que já existe—então, é bom. É comum observar-se na música que há uma crescente tendência em criar-se música igual, no sentido em que soa ao mesmo que todas as outras; por isso, do meu ponto de vista, acho que se deviam destacar aqueles que realmente criam algo, fogem à regra, não só na música como nas artes, mas também nas nossas vidas pessoais—“Um navio no porto é seguro, mas não é para isso que os navios são construídos”.

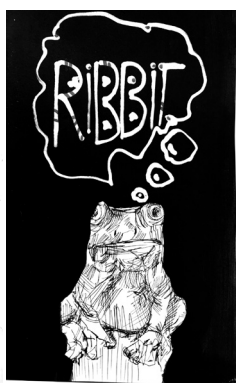
Quando me deparei com a música do Jacob, foi como descobrir exatamente aquilo de que estava à procura. O seu estilo em constante mudança, as excelentes autoproduções, a complexidade musical disfarçada, o *groove* da sua música, as incríveis colaborações com artistas conhecidos e, simplesmente, a energia que irradia a sua música são unicamente extraordinários. Um som verdadeiramente sensorial, é possível “sentir” a música, leva-te a lugares, transforma-te. Uma técnica, por exemplo, que costuma usar é o “*a cappella*”, música vocal feita sem qualquer acompanhamento instrumental, onde, normalmente, os diversos instrumentos que seriam usados são substituídos por sons feitos apenas com a voz humana. Jacob é amplamente conhecido pela grande exploração que faz a esta técnica e por dirigir o público nos seus concertos como coro, criando grandes harmonias. Tanto que no seu último lançamento utilizou as vozes de várias pessoas de todo o mundo que estiveram nos seus concertos em 2023. Porém, não posso deixar de salientar que o seu estilo não agrada todos. Não é, de todo, música que qualquer um, sem mais nem menos, aprecie. Haverá sempre ouvintes que não sentirão qualquer conexão emocional ou sequer gosto pela sua música.

Assim, aconselho vivamente que tentem ouvir a sua música, nem que seja pela experiência e pela vontade de descoberta do desconhecido. Se não souberem por onde começar, ouçam os álbuns por ordem cronológica, começando no “In My Room”. Se acharem que esses são muito difíceis de ouvir, experimentem ouvir os últimos dois: Djesse vol. 3 e Djesse vol. 4.

Ouçam música!

Diogo Sá da Bandeira do 11º B

Ilustrações de Júlia Cebola, Margarida Lourenço, Maria Vieira e João Rosa do 11º D



Ficha técnica deste jornal:

Propriedade da Escola Secundária Manuel de Arriaga | Coordenação: Adalberto Branco, Jorge Costa Pereira e Iúlia Silveira | Colaboraram neste número: Francisco Colaço; Ana Carolina Aguiar; Osvalda Duarte; Aurora Martins, Sarai Couto, Isabel Correia e Leonor Peixoto do 8º A; Isabel Vieira e Maia Gonçalves do 8º D; Yara Cardoso do 8º B; Inês Costa e Leonor Vieira do 7º B; Iúlia Silveira; Departamento de Educação Física; Norberto Serpa; Maria Pinto Pereira do 12º C; Alfredina Marcos; Maria Miguel Pavão; Ester Pereira; Martim Medeiros do 12º B; Fernando Vieira; Paulo Ruas e Diogo Sá da Bandeira. | Colaboraram com ilustrações: Margarida Lourenço, Maria Vieira, Vitória Moura, Guadalupe Leal, João Rosa, Júlia Cebola e Laura Bettencourt do 11º D; Eva Frias e Emiliano Chiappa (alunos do 12º C no ano transato).